

JP investiga...

O eco do verniz a estalar ouviu-se na montanha

Polémica na apresentação do livro de José Carlos Garcia

Todos os presentes ouviram. Manuel Costa, diretor do Museu do Pico, sentado à mesa de apresentação do livro, numa sessão pública, disse que José Carlos Garcia “era uma representação de pais científicos”. Todos ainda ouviram da boca de Manuel Costa que este “vinha de uma universidade periférica [Universidade dos Açores], motivo de chacota, o refugio de Lisboa, orientado e ensaiado por um conhecimento académico bolorento”.

O *Jornal do Pico* sabe que a resposta não tardou a chegar e que José Carlos Garcia, autor de “A indústria baleeira dos Açores”, enviou uma missiva dirigida a Susete Amaro, secretária regional da Cultura, da Ciência e Transição Digital, dando conhecimento da mesma aos senhores diretores regionais da Cultura e da Ciência e Transição Digital, solicitando “uma resposta clara”, pois, no seu entender “o Museu dos Baleeiros das Lajes do Pico foi impunemente instrumentalizado, num contexto oficial e público, para denegrir e difamar a boa imagem dos cidadãos e das instituições regionais. Em suma, assistiu-se ao atentado à honra de quem se dedica à causa pública, assim como ao uso impróprio de uma entidade e de um cargo de gestão – abuso de poder – para ferir a democracia participativa e, de certa forma, o eixo institucional que a suporta e zela, sobretudo o executivo, no sentido em que o museu tem uma tutela pública”. No teor da carta enviada ao Governo dos Açores, a que o JP teve acesso, José Carlos Garcia refere ainda que se baseia num trabalho científico. “As minhas observações públicas têm por base uma interpretação dos factos à luz da experiência de terreno e da teoria. O Senhor Diretor do Museu do Pico produziu um julgamento público, não com recurso à ciência, que admite o contraditório, mas com base em ideias e visões pré-concebidas sobre pessoas e instituições, cuja interpretação não faz qualquer sentido e não tem qualquer valor num quadro concetual e metodológico”./RMA



Foi no auditório do Museu dos Baleeiros, Lajes do Pico, que tudo se passou...

“A ausência do referido processo de Cedência de Interesse Público, já aprovado pela Direção Regional da Cultura (aguarda despacho), e a falta de um compromisso do Museu do Pico, na pessoa do seu Diretor, Dr. Manuel Costa Júnior, para com o Projeto de contribuição, levam-me a comunicar a desistência de todas as ações anteriormente planeadas. Em relação ao Museu do Pico, dividem-nos questões de carácter concetual, metodológico e pessoal”, escreve José Carlos Garcia

AO JORNAL DO PICO, JOSÉ C. GARCIA REAGIU POR ESCRITO:

1. Projeto de estudo baleeiro

Com a entrada em funções do XIII Governo Regional dos Açores (2020), surgiu a excelente oportunidade para se desenvolver um projeto de estudo baleeiro no seguinte contexto institucional e profissional: Museu do Pico/Centro de Humanidades, CHAM-Açores/Universidade dos Açores.

Na verdade, a proposta é tributária de uma visão do Senhor Diretor Regional da Ciência e Transição Digital, Doutor Sérgio Paulo Ávila, no sentido de se promover a qualificação superior em vários campos do saber, para a compreensão, a comunicação e a gestão patrimonial de uma das manifestações mais relevantes da cultura dos Açores, nomeadamente a indústria baleeira, potenciando o conhecimento e as políticas culturais, patrimoniais e turísticas da Região. Portanto, está em questão um trabalho científico pluridisciplinar e interdisciplinar, que possibilitará o estudo avançado do mar e das culturas navais e marítimas.

A proposta, com o título *Projeto de contribuição para a documentação, estudo e divulgação da cultura baleeira dos Açores* (2021), foi entregue ao Senhor Diretor Regional da Cultura, Doutor Ricardo Tavares, comunicada à Senhora Diretora do CHAM-Açores, Professora Doutora Susana Serpa Silva, e revista pela Senhora

Professora Doutora Susana Goulart Costa, tendo enquadramento no acesso a uma bolsa de estudo, atribuída pela Direção Regional da Ciência e Transição Digital à Fundação Gaspar Frutuoso (UAç), no mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento (Universidade dos Açores) e, por via da frequência neste curso, na admissão à referida Unidade de Investigação & Desenvolvimento.

Porém, salvaguarda-se que o *Projeto de contribuição* também objetiva uma ação no âmbito do património e da museologia das instituições regionais que se dedicam à temática baleeira, como é o caso do Museu do Pico, local de trabalho, através de um processo de Cedência de Interesse Público. A ideia é dinamizar globalmente a rede baleeira dos Açores, envolvendo os agentes culturais e patrimoniais das diferentes ilhas e, no caso das Lajes do Pico, a criação de um ecoparque patrimonial de recursos e valores, onde o Museu dos Baleeiros terá de evoluir “no sentido de se transformar no meio de comunicação central, informativa, didática e sensibilizadora da pluralidade heterogénea da cultura baleeira do passado e do presente, assim como dos seus valores patrimoniais territorializados no arquipélago” (R. Martins, 2018). Importa referir que o museu das Lajes do Pico não traduz um programa expositivo científico da baleação açoriana. Neste caso, só uma nova narrativa, com base nos paradigmas das ciências naturais e das ciências sociais, possibilitará uma espécie de justiça social, celebrando as baleias e os baleei-

ros, mas também os milhares de operários da baleia, e em que condições trabalhavam, assim como os empresários que criaram as organizações, onde tudo existia, pois nenhuma atividade baleeira funcionava fora delas.

2. Desistência

A ausência do referido processo de Cedência de Interesse Público, já aprovado pela Direção Regional da Cultura (aguarda despacho), e a falta de um compromisso do Museu do Pico, na pessoa do seu Diretor, Dr. Manuel Costa Júnior, para com o *Projeto de contribuição*, levam-me a comunicar a desistência de todas as ações anteriormente planeadas. Em relação ao Museu do Pico, dividem-nos questões de carácter concetual, metodológico e pessoal.

3. Futuro

Tenho esperança de que a bolsa encontre enquadramento de atribuição noutra(s) candidatura(s), pois os estudantes são o futuro. O estudo científico, o património e a museologia da baleia precisam deste futuro alternativo, nem que seja para combater o saber politicamente baseado em Angra do Heroísmo, o qual tem vindo a impor consequências desastrosas ao desenvolvimento do arquipélago e à gestão dos seus valores.

“Quando se ama muito uma coisa, protegemo-la”.

Saúde JP

MAV: Malformação arteriovenosa cerebral

A malformação arteriovenosa cerebral (MAV) é uma doença muito pouco conhecida, cujo diagnóstico costuma ser descoberto em idades entre os 40 e 60 anos, o que não significa que tenha surgido nesse momento. A patologia pode afetar os diferentes hemisférios, porém, dada a sua raridade – afeta cerca de 0,8 a 0,14% da população – e por muitas vezes ser assintomática, costuma ser diagnosticada em avaliações de alguma outra enfermidade que o paciente apresente.

Esta anomalia vascular trata-se da conexão irregular entre artérias e veias e afeta o sistema nervoso central pelo que pode ser responsável por espasmos, convulsões, mudanças de humor bruscas, depressão, dores de cabeça e, em casos mais graves, pequenas hemorragias internas.

Por norma, o paciente procura assistência médica devido a convulsões e crises convulsivas parciais, as quais são conhecidas como crises de ausência. Durante estas crises, a pessoa em diálogo de súbito parece apática e estática por um curto período de tempo e volta a interagir como se nada tivesse acontecido.

Esta doença, difícil de ser explicada na sua totalidade em função das pluralidades de

consequências, afeta o cérebro e, conforme a área afetada, pode apresentar sintomas distintos de caso para caso – tendo até mesmo alguns assintomáticos – em que não apresenta indícios.

Em alguns casos, o excesso de sangue é drenado para outras partes do corpo, originando angiomas, que são pequenos tumores causados pela acumulação de sangue estagnado naquele local.

Não existe tratamento à base de medicamentos para esta condição, apenas através de cirurgias, conforme o risco e gravidade, e interliga as áreas de psiquiatria e neurologia. Contudo, é comum que na remoção dos tumores causados pela MAV não seja possível serem retirados na sua totalidade, sendo a tendência de aumentarem com o tempo./MLG

